

O rei de número quatro

Marcelo Alves

Montanhas transpirando os segredos celestes: a chave para o entendimento das notas. As notas que flutuariam em cada cocuruto; somente o místico poderia saboreá-las. Quantos anos tinha, ninguém sabia e era a soma dos ossos dos mortos desde setecentos anos antes de cristo. De quantos livros arrancou as páginas ociosas, os três reis afirmam, esmagadores: é o número, de quinze casas decimais, inaprendidas pelos mouros, que ninguém ousou violar. Os alfarrabistas distribuía as sete leis da Transpiração, folhetos cujos traços dinamitavam qualquer teoria semiológica sobre a ausência indexada dos signos.

Diziam que o místico estava propagando antes uma canção desprovida de conceitos do que uma fé. E Jesus lhe teria perguntado quais eram as portas diagonais que dariam precisamente nas veias da velha História. Mas as montanhas trincavam internamente, ressoavam gritos, os mais diversos, os de desespero, os de paixão, os de pele arregaçada, os de morte-de-mãe. Alguns servos deste sítio nômade reuniram-se para catalogar segundo o sistema ideogramático as facas hexagonais dos espectros sublimados da ressonância. Passaram os estudiosos desleixados pela descrição tecnicista que, latente outrora no místico, duplicava-se à medida que ele (si, homem de acordo com o pontilhado das mãos) observava-se nos espelhos.

Os espelhos, guardados na alcova do segundo corredor à esquerda da entrada do terceiro reino após o vale - que derivava em cinco ramificações tão retilíneas que os servos consideraram imperfeitas e, pois, sem catalogação -, etiquetados estavam. Cada etiqueta continha o nome de batismo de seu artesão. Nesta era, os artesãos estão mortos. Naquela era, os artesão previram, por meios ocultistas, a morte tardia. Alimentavam-na com pão e vozes.

Está tudo relatado no diário do místico. Diário que não prescinde dos recursos estilísticos inaugurados pelo rei de número quatro. Este homem, infecundo, até que governou bem, ou seja, como forçosamente lhe coube:

1. O leite e o mel como alimento oficial para os súditos. 2. E os seus derivados também. 1.1. As sobras seriam comercializadas. 1.1.1. As conchas arrecadas aplicadas às investigações sobre métodos e instrumentos eficientes para se chegar às ramificações entre as ramificações do vale. 3. O encanto, rastro impertinente na alimentação, fosse reciclado. 1.1.1.1. A nobreza encarregada da reciclagem. 3.3. A reciclagem como dispositivo para redefinição das castas.

Tempos depois da morte deste grandioso rei, descobriu-se nas masmorras os assovios de mundus, uma caixinha de joias esquecida por uma das concubinas do rei de número quatro. A massa informe ali respirando cresceu. O nome de batismo que lhe deram: Icária. Nem sei porque. Talvez o místico saiba. Mas não sei como encontrá-lo. E não faria diferença.

Icária continuou o projeto do pai, após tomar lições. Foi no dia do coroamento que ela enraizou os dedos, visto que eles eram cobiçados. Cumpriu mais que dobro somado dos anos que o rei viveu, uma simetria, o tronco e os dedos. Retirou-os apenas para abrir os olhos, exausta, morrera sem saber.

A mortes de Icária e do rei de número quatro só aconteceram aqui. E não aconteceram. O místico, diziam, sempre repetia (não com as mesmas palavras) este mantra milionar. Concluiu que ele vive, está a vagar em chips e phonés. Mas nenhum súdito o reconheceria. O jasmin como símbolo real ainda em relevo na sola do pé mezzosquerdo inacessível. Porém, o místico saberia a localização, espaçamento e quem sabe a geografia como ofensa àqueles que com afinco, os servos deste sítio nômade, reuniram em odes.

Os servos garantem que as odes (e suas variações espaciais) são similares, em efeito, aos assovios de Icária. Uma delas tenho aqui em minhas mãos, confesso que contrabandeada, porque roubar com minhas próprias mãos

não sei fazê-lo, mas sim aquela senhora do 28, duas paredes antes da minha, que coleciona disfarces... não, não tem nada na casa dela, exceto uma geladeira (depois, se quiser, te passo o número dela!).

São duzentos e quarenta e cinco mil versos instantâneos, mas que se recuperaram aqui por intermédio do chamamento aos discípulos do místico. Parece que o segredo da Transpiração das montanhas fora parcialmente inventado simultaneamente ao surgimento da voz profana do rei de número quatro, registrada nos fragmentos - isso se combinados - dos outros três rei, que viveram até menos, ressalte-se!

Fragmentos reunidos pelo místico, a análise é, todavia, recente, imprecisa, e os discípulos - súditos evadidos, flagelados na viagem ao redor das têmeoras - diferiram gradativamente. Eis a ode de duzentos e quarenta e cinco mil versos, cujo tema eu acho que seja o sistema lunar:

"não sangra grão salve ledo"